

Graduação ( ) Pós-Graduação  
( ) Artigo completo  Relato de prática ( ) Resumo expandido

**EMPODERAMENTO E INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS: Relato de Prática  
Extensionista Articulada à Universidade Aberta à Terceira Idade**

**Lucimária Pereira da Silva**  
UNEB – Campus XII  
lucimarap564@gmail.com

**Adler Moreira Chaves**  
UNEB – Campus XII  
adlerchaves@uneb.br

**RESUMO**

O crescimento acelerado das tecnologias de informação no Brasil ampliou o acesso a dispositivos digitais, mas mantém uma parcela expressiva da população idosa excluída do universo on-line, aprofundando situações de isolamento social e dependência de terceiros. Neste contexto, o artigo apresenta um relato de prática do projeto de extensão “Empoderamento e Inclusão Digital de Idosos”, desenvolvido no Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Guanambi, articulado ao Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (PROUATI). Metodologicamente, o projeto combina oficinas participativas, atendimentos individuais e mentorias, com foco em idosos da área urbana de Guanambi, especialmente de bairros periféricos próximos à universidade e participantes da UATI. O relato de experiência permite analisar trajetórias distintas de aprendizagem, dificuldades enfrentadas e ganhos de autonomia digital e autoestima. Os resultados indicam avanços na capacidade dos idosos de utilizar aplicativos de serviços públicos, comunicação e segurança digital, ao mesmo tempo em que apontam a importância de metodologias centradas no aspecto humano, na repetição e no respeito ao ritmo de aprendizagem. Conclui-se que a articulação entre extensão universitária e UATI potencializa o alcance e a profundidade das ações, consolidando a inclusão e o letramento digital como importantes para a cidadania na velhice.

**Palavras-chave**

Inclusão digital; Pessoas idosas; Extensão universitária; Universidade Aberta à Terceira Idade; Letramento digital.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O avanço acelerado das tecnologias de informação, associado à redução do custo de dispositivos e à expansão de redes de telecomunicações, tem reconfigurado profundamente as formas de acesso à informação, aos serviços e à sociabilidade no Brasil (Demo, 2000). Apesar dessa difusão, persiste um quadro expressivo de exclusão digital, especialmente entre pessoas idosas, que frequentemente não tiveram oportunidades formativas ao longo da vida para acompanhar a digitalização de serviços e relações sociais. Dados recentes indicam que, em 2024, cerca de 29 milhões de pessoas no país não utilizavam a internet, sendo 14 milhões com 60 anos ou mais (CETIC, 2024).

Em Guanambi-BA, experiências práticas nos sinalizaram que, particularmente nos bairros periféricos próximos ao Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), muitos idosos vivenciam esse quadro de exclusão, agravado pela baixa escolaridade, pelo pouco tempo disponível de familiares para apoiar no uso das tecnologias e por limitações físicas associadas ao envelhecimento. O letramento digital, nesse contexto, assumiria papel estratégico ao possibilitar que esses sujeitos acessem serviços, mantenham laços afetivos, encontrem formas de lazer e fortaleçam sua autonomia, contribuindo para a redução do isolamento social e para a estimulação cognitiva.

A UNEB conta com a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) que congrega uma presença expressiva de idosos no cotidiano da universidade e desenvolve múltiplos projetos voltados a essa população. A existência desse espaço extensionista criou condições favoráveis para a implementação de ações de inclusão digital, uma vez que há um público idoso já vinculado à instituição, redes de confiança estabelecidas e uma cultura de acolhimento e formação continuada para a terceira idade. É nesse cenário que se insere o projeto de extensão “Empoderamento e Inclusão Digital de Idosos”.

Portanto, o presente artigo tem por objetivo analisar a experiência do projeto de extensão “Empoderamento e Inclusão Digital de Idosos”, desenvolvido no Campus XII da UNEB em articulação com o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (PROUATI), discutindo suas bases teóricas, desenho metodológico e resultados preliminares à luz de um relato de prática. Busca se evidenciar como oficinas e mentorias individuais, centradas no aspecto humano do processo formativo e apoiadas na estrutura da UATI, contribuem para o empoderamento digital de idosos em Guanambi, fortalecendo sua autonomia e qualidade de vida.

## 2 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, ENVELHECIMENTO E INCLUSÃO DIGITAL

A emergência da chamada sociedade da informação tem sido acompanhada por uma redefinição profunda das formas de produzir conhecimento, trabalhar, comunicar-se e participar politicamente (Demo, 2000). Embora tais transformações sejam frequentemente apresentadas como inevitáveis e homogêneas, diferentes grupos sociais vivenciam de maneira desigual os processos de digitalização, seja pelo acesso material às tecnologias, seja pelas condições socioculturais e educacionais que possibilitam ou limitam o uso crítico desses recursos.

No caso específico das pessoas idosas, múltiplos estudos apontam a presença simultânea de barreiras e potencialidades no relacionamento com as tecnologias digitais (Kachar, 2010; Flauzino *et al.*, 2020). Entre as barreiras, destacam-se dificuldades motoras e cognitivas, baixa escolaridade, insegurança diante de interfaces consideradas complexas, medo de golpes e falta de apoio familiar para o uso cotidiano dos dispositivos. Por outro lado, as pesquisas evidenciam ganhos significativos associados à inclusão digital de idosos, como ampliação das redes de sociabilidade, fortalecimento da autonomia no acesso a serviços, estímulo cognitivo e sensação de pertencimento às dinâmicas contemporâneas (Flauzino *et al.*, 2020).

A noção de letramento digital, mais do que o domínio técnico de aplicativos e dispositivos, remete a práticas sociais mediadas por tecnologias, nas quais os sujeitos leem, interpretam, produzem e compartilham informações em diferentes linguagens. No caso dos idosos, isso envolve, por exemplo, compreender notificações de bancos e órgãos públicos, reconhecer notícias falsas, interagir com familiares em vídeos e chamadas, acessar resultados de exames e acompanhar benefícios previdenciários de forma autônoma. Assim, a inclusão digital de pessoas idosas é inseparável da discussão sobre direito à informação, proteção de dados, combate à desinformação e acesso a políticas públicas mediadas por plataformas digitais (Soares, 2002; Flauzino *et al.*, 2020).

Portanto, o projeto dialoga com o debate sobre sociedade da informação e reconfiguração das desigualdades a partir do acesso (ou não) às tecnologias digitais. A informação, entendida como recurso estratégico nas sociedades em rede, tende a se concentrar em grupos que dispõem de infraestrutura, competências técnicas e capital cultural para se apropriar das mídias digitais, produzindo novas formas de exclusão para aqueles que ficam fora desses circuitos (Han, 2022). Nessa perspectiva, a exclusão digital de idosos não é um fenômeno apenas técnico, mas atravessa dimensões geracionais, educacionais, econômicas e territoriais, exigindo políticas públicas e ações formativas específicas.

A literatura sobre inclusão digital na terceira idade aponta que, além da infraestrutura, é

preciso considerar limitações físicas (visão, coordenação motora), interfaces pouco amigáveis, trajetórias escolares interrompidas e experiências prévias restritas com tecnologias. Revisões de literatura mostram que cursos de inclusão digital para idosos são mais efetivos quando organizados em turmas pequenas, homogêneas quanto à faixa etária, com atendimento específico, metodologias ativas, linguagem acessível e forte componente relacional e afetivo (Andrade *et al.*, 2020; Barbosa *et al.*, 2019). Kachar (2013) e Moro (2010) destacam a necessidade de adaptar o design pedagógico e as próprias interfaces às necessidades desse público, sob pena de reforçar sentimentos de incapacidade e fracasso.

Estudos como o de Flauzino *et al.* (2020) reforçam a centralidade do “aspecto humano” nas experiências bem-sucedidas: a paciência dos instrutores, o acolhimento, a adaptação do ritmo, a repetição e a valorização das vivências prévias aparecem como fatores decisivos para a permanência e o engajamento. Do ponto de vista da cidadania, o acesso à informação e às tecnologias é condição para que pessoas idosas exerçam plenamente seus direitos, acessem serviços públicos digitalizados e participem de decisões que afetam suas vidas.

A Universidade Aberta à Terceira Idade, por sua vez, vem sendo consolidada em diferentes instituições como um arranjo institucional que reconhece o idoso como sujeito de direitos e de saberes, abrindo as portas da universidade para atividades formativas, culturais, de saúde e de lazer articuladas ao envelhecimento ativo. No caso da UATI no Campus XII, cria-se um ambiente de convivência sistemática com idosos, o que potencializa projetos específicos, como o de inclusão digital, ao oferecer um público já mobilizado, espaços físicos e trajetórias prévias de participação em ações extensionistas.

### 3 UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE E EXTENSÃO

A extensão universitária na UNEB se constitui historicamente como um dos pilares de sua atuação social, assumindo a tarefa de articular ensino e pesquisa a partir de demandas concretas dos territórios baianos, com forte ênfase em processos formativos críticos, dialógicos e socialmente referenciados. Nesse horizonte, as ações com a população idosa ocupam lugar importante, pois afirmam o direito ao acesso ao conhecimento, à cultura e às tecnologias ao longo de toda a vida, em sintonia com a compreensão de extensão como prática transformadora e indissociável do compromisso público da universidade.

A UNEB, marcada por sua capilaridade territorial e por uma trajetória de projetos de extensão voltados à educação popular, à saúde, aos direitos humanos e às políticas sociais, tornou-se referência na construção de espaços formativos que reconhecem a diversidade

geracional como potência, e não como obstáculo, abrindo caminho para experiências pioneiras no campo da educação para e com a pessoa idosa.

Nesse contexto, o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (PROUATI) emerge como expressão do pioneirismo extensionista da UNEB, ao institucionalizar um conjunto de ações sistemáticas de formação continuada, convivência e promoção de direitos voltadas à população idosa em diferentes Campi. No Campus XII, a UATI funciona como núcleo articulador dessa política, congregando oficinas, cursos, grupos de estudo e projetos temáticos, que aproximam a universidade dos idosos de Guanambi e região. A figura 1 resume os projetos que foram desenvolvidos no âmbito da UATI em Guanambi.

**Figura 1: Projetos UATI no Campus XII**



A presença consolidada de idosos nas atividades regulares no Campus em oficinas de saúde, cultura, artes, memória e tecnologias, produz um ambiente de confiança, acolhimento e pertencimento que favorece de maneira decisiva a adesão às ações específicas de inclusão digital. Ao se perceberem como participantes de um programa universitário estruturado para a terceira idade, os idosos tendem a se reconhecer como aprendizes legítimos também no campo das tecnologias, rompendo com representações negativas sobre a velhice e com a ideia de que o “mundo digital” é um espaço exclusivo dos jovens (Flauzino *et al.*, 2020).

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO RELATO

A elaboração deste relato de experiência foi construída de forma compartilhada entre a aluna extensionista, que atuou diretamente nas oficinas e mentorias com os idosos, e o professor coordenador do projeto. A partir das vivências concretas ao longo de 2025, foram organizados registros como lista de presença, relatos de encontros, anotações em caderno e impressões da aluna sobre as dificuldades, avanços e descobertas dos participantes. Estes materiais serviram de base para recontar a experiência, destacando o que foi feito, como os idosos participaram e quais mudanças foram percebidas no uso das tecnologias e na confiança deles.

Para escrever o texto, aluna e professor também recorreram a leituras sobre inclusão digital de idosos, educação de jovens e adultos e extensão universitária, além de buscarem estudos semelhantes desenvolvidos em outras universidades. Esses referenciais ajudaram melhor a entender a experiência e comparar com outras iniciativas, bem como interpretar de maneira mais crítica situações observadas nas oficinas, como o medo inicial de mexer no celular ou a importância do apoio do grupo para que todos aprendessem. Dessa forma, o relato resulta da combinação entre o olhar de quem viveu o projeto no dia a dia e as contribuições de pesquisas e textos acadêmicos que tratam do mesmo tema.

#### 5 O PROJETO

O projeto “Empoderamento e Inclusão Digital de Idosos” foi desenvolvido como ação de extensão universitária de natureza interventiva e formativa, com abordagem qualitativa e ênfase na sistematização de experiências. A equipe executora foi composta pelo docente que coordenou o projeto, a discente monitora-bolsista do curso de Administração que foi selecionada através do Edital 016/2025 da UNEB. Além disso, contou com a participação de mais três discentes do curso de Administração e um discente do curso de Direito, na execução das oficinas.

As atividades foram organizadas em dois eixos principais: oficinas coletivas de inclusão digital e mentorias individualizadas. No eixo das oficinas, aconteceram duas oficinas com cerca de 10 idosos em cada uma abordando os seguintes temas: Aplicativo MeuINSS (dois alunos estagiários no INSS ministraram essa oficina); e desinformação e fake News (dois alunos de Iniciação Científica da temática que ministraram).

As mentorias individualizadas foram ofertadas de forma individualizadas, pois os participantes necessitavam de acompanhamento mais próximo, considerando ritmos distintos de aprendizagem, dificuldades específicas ou interesses particulares (por exemplo, uso de

aplicativos bancários, armazenamento de fotos e vídeos, configurações de acessibilidade). Essas mentorias, constituíram espaço privilegiado para a construção de vínculos entre estudantes e idosos, permitindo ajustes finos nas estratégias pedagógicas a partir das demandas emergentes.

### 5.1 A EXPERIÊNCIA

A execução do projeto não foi fácil. A primeira necessidade que verificamos era sobre o uso de aplicativos do INSS. Logo após o escândalo do INSS e a necessidade dos idosos solicitarem seus direitos por aplicativo, o coordenador do projeto dialogou com alunos que estagiavam no órgão para ministrarem e participarem do projeto.

A oficina “MeuINSS” teve como objetivo apresentar o aplicativo oficial e suas funcionalidades, orientando os participantes sobre como acessar benefícios previdenciários e informações pessoais de forma autônoma. Entretanto, durante sua execução, evidenciou-se que a maioria dos idosos não dominava pré-requisitos básicos da infraestrutura digital, como criação e gerenciamento de e-mails, uso de senhas e protocolos mínimos de segurança, o que dificultou inclusive o simples login na plataforma e toda a oficina. Praticamente nenhum conseguiu logar no Gov.br.

Diante dessas barreiras, a oficina acabou se limitando à apresentação superficial da interface do aplicativo, sem que a maioria conseguisse efetivamente utilizá-lo, o que explicitou a necessidade de investir em processos mais prolongados e personalizados de letramento digital. A equipe optou, então, por organizar mentorias individuais, aproveitando a forte presença da UATI no Campus XII e a relação de confiança já estabelecida com parte dos idosos. Eles participam de atividades de hidroginástica e academia duas a três vezes por semana, totalizando mais de 100 idosos nos dois projetos, com lista de espera.

Assim, as mentorias passaram a ocorrer de forma regular em horário anterior “a piscina” como diziam. Os encontros aconteciam semanais, e seguiram uma lógica de “ensino ativo”: o idoso era incentivado a executar todas as ações, enquanto a monitora atuava como mediadora e apoiadora. Assim, vamos contar a experiência dos três idosos atuantes na mentoria.

O primeiro mentorando procurava, sobretudo, aprender a utilizar o aplicativo “Meu INSS” para consultar informações sobre empréstimos consignados, o que implicava dominar login, navegação e leitura de informações sensíveis. Inicialmente, o participante não acessava a plataforma e dependia de anotações em papel para lembrar credenciais, expressando desconfiança em relação ao armazenamento de dados em dispositivos digitais por medo de

golpes. Ao longo das sessões, a monitora trabalhou a leitura atenta da tela, o reconhecimento de ícones, botões e cores, e o uso do raciocínio lógico (“o que você quer fazer agora?”, “qual botão parece levar a esse objetivo?”), até que o idoso passou a memorizar suas credenciais e navegar de forma mais segura na plataforma.

O segundo idoso atendido já apresentava um perfil mais “curioso” e exploratório em relação às tecnologias, relatando que costumava aprender mexendo sozinho nas coisas desde a infância, o que se traduzia em maior autonomia e rapidez na compreensão de caminhos e menus. Nesse caso, a mentoria serviu mais para esclarecer dúvidas pontuais e aprimorar o uso de aplicativos bancários e do próprio “Meu INSS”, com o participante rapidamente atingindo um patamar de independência em relação ao suporte extensionista. A experiência ilustra como trajetórias prévias de contato com tecnologias influenciam o ritmo de aprendizagem e demandam estratégias diferenciadas, mesmo dentro do mesmo público etário.

A terceira participante iniciou o acompanhamento com baixo letramento digital e múltiplas dificuldades, tendo como demanda central a gestão de aplicativos bancários, cartões de crédito e comunicação via WhatsApp. As sessões envolveram desde noções básicas de navegação, segurança de dados e organização de faturas até o envio de fotos, compartilhamento de mensagens e gerenciamento de contatos na agenda do aparelho. Progressivamente, a mentorada passou a executar sozinha tarefas que antes dependiam de terceiros, embora a necessidade de repetição e de reforço tenha permanecido alta, em função da sobrecarga de informações presentes nas interfaces.

Em paralelo às mentorias, foi organizada uma oficina temática sobre “Desinformação e *Fake News*”, voltada a orientar idosos sobre golpes digitais, notícias falsas e estratégias de proteção no ambiente on-line. A atividade mostrou-se altamente participativa, com relatos de tentativas de golpes vividas pelos próprios idosos e um clima de confiança que permitiu problematizar o medo de utilizar aplicativos por receio de fraudes. Cabe destacar que, ao compreenderem melhor os mecanismos por trás das *fake news* e dos golpes, os participantes passaram a encarar o ambiente digital com menos culpabilização individual e mais consciência crítica sobre riscos sistêmicos.

Ao final do período de execução da atividade, ainda que o número de idosos acompanhados de forma intensiva fosse reduzido, observou-se um avanço consistente na autonomia digital desses sujeitos, especialmente no uso de aplicativos de serviços públicos e de comunicação. Foi percebido, porém, que em diversos momentos os participantes verbalizavam sentimento de inferioridade por não dominarem tarefas consideradas simples pelos jovens, o

que revela a dimensão simbólica da exclusão digital como elemento que atinge a autoestima e a percepção de capacidade de aprendizagem dos idosos.

Portanto, o ciclo de mentorias individualizadas evidenciou a heterogeneidade dos perfis de letramento digital entre os participantes. Houve sujeitos que já utilizavam com desenvoltura determinados aplicativos, mas tinham dificuldades em aspectos específicos, como organização de arquivos ou reconhecimento de links suspeitos; outros, por sua vez, iniciavam praticamente do “zero” o contato com recursos digitais. Em todos os casos, a construção de relações de confiança entre mentora e idosos foi central para que medos e inseguranças dessem lugar à experimentação progressiva, respeitando os ritmos de cada um.

## 6 RESULTADOS E IMPACTOS OBSERVADOS

A análise das experiências vividas no projeto permite identificar um conjunto de resultados, tanto no plano individual quanto coletivo. Em termos individuais, destacam-se: aumento da autonomia em tarefas cotidianas mediadas por tecnologias (consultas a benefícios, comunicação com familiares, agendamentos online); redução da sensação de impotência frente a sistemas digitais; e fortalecimento da autoestima.

No plano coletivo, o projeto contribuiu para a consolidação de um espaço de convivência e apoio mútuo entre os participantes, que passaram a compartilhar dúvidas, soluções e descobertas, constituindo redes de solidariedade em torno do uso das tecnologias. As oficinas e mentorias funcionaram, assim, como dispositivo de socialização, em que as interações entre pares foram tão relevantes quanto a mediação realizada pela equipe extensionista. Tais achados dialogam com estudos que apontam melhorias na saúde mental, na qualidade de vida e no sentimento de pertencimento social decorrentes de processos bem-sucedidos de inclusão digital na terceira idade.

A experiência demonstrou que a inclusão digital de idosos, quando trabalhada a partir de oficinas e mentorias articuladas à UATI, produz impactos relevantes em múltiplas dimensões. No plano prático, os idosos passam a conseguir, ainda que com diferentes graus de autonomia, utilizar aplicativos como “Meu INSS”, WhatsApp e plataformas bancárias, acessar informações e serviços essenciais e resolver tarefas do cotidiano que antes dependiam de familiares ou intermediários. No plano subjetivo, tornam-se visíveis ganhos de autoestima, confiança e sensação de pertencimento a um mundo cada vez mais digitalizado, ao perceberem que são capazes de aprender e se adaptar às transformações tecnológicas.

Do ponto de vista formativo, o projeto contribuiu para a formação de estudantes

envolvidos como bolsistas ou voluntários, que exercitam responsabilidade social, empatia, comunicação, didática e escuta sensível às necessidades da comunidade idosa. A prática extensionista os confronta com o caráter não intuitivo da tecnologia para muitos usuários e os desafia a explicitar saberes tácitos, reconfigurando sua própria relação com os dispositivos e plataformas digitais. Ao mesmo tempo, evidencia-se o potencial da universidade pública como espaço de encontro intergeracional, onde jovens e idosos constroem conjuntamente novos sentidos para o uso da tecnologia.

Pensando sobre este ponto de vista institucional, o projeto reforçou o papel da UNEB/UATI como ator relevante na promoção de políticas de envelhecimento ativo no território de Guanambi, criando condições para o aprofundamento de parcerias com equipamentos de saúde, assistência social e organizações da sociedade civil que atuam com o público idoso.

Entre os desafios, destacam-se a necessidade de tempo prolongado para consolidação de competências digitais, a limitação de recursos humanos e tecnológicos para atendimentos individualizados, a dificuldade de conciliar agendas acadêmicas com os horários disponíveis dos idosos e o desenho muitas vezes pouco acessível de aplicativos e serviços públicos. Outro desafio é alcançar idosos que não participam da UATI ou que vivem em áreas mais distantes do Campus XII, o que exige estratégias de comunicação ampliadas, parcerias com rádios, unidades de saúde e outros equipamentos públicos.

Apesar desses limites, a experiência mostra que a combinação entre projeto de extensão formalizado (com metas, indicadores e orçamento) e uma rede viva como a UATI cria condições favoráveis para ações de inclusão digital cuidadosas, consistentes e sensíveis às singularidades da velhice. Nesse sentido, a inclusão digital deixa de ser vista apenas como domínio de ferramentas e passa a ser compreendida como política de cuidado, reconhecimento e cidadania, na qual o direito à informação e à participação na esfera pública on-line é estendido também à população idosa.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato indica que a extensão universitária, articulada à Universidade Aberta à Terceira Idade, é um caminho potente para enfrentar a exclusão digital no contexto do público idoso. As ações desenvolvidas mostraram que é possível produzir avanços concretos na autonomia digital, na autoestima e na participação social de idosos, desde que se respeitem suas trajetórias, ritmos e limites.

A centralidade conferida à UATI no desenho e na execução do projeto reforça a importância de se pensar a inclusão digital como componente integrado de políticas de envelhecimento ativo e educação ao longo da vida, e não como ação isolada ou episódica. Para aprofundar e ampliar os impactos observados, recomenda-se: o desenvolvimento de materiais didáticos abertos adaptados para este público; o fortalecimento das parcerias institucionais dentro e fora da universidade; e a busca por editais e fontes de financiamento que permitam a manutenção e a expansão das atividades.

Ao reconhecer idosos como protagonistas de sua própria inclusão digital e a universidade como espaço de encontro, cuidado e produção compartilhada de saberes, esse tipo de projeto contribui não apenas para reduzir desigualdades tecnológicas, mas também para afirmar um modelo de extensão comprometido com a dignidade, a autonomia e a cidadania na velhice.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por meio do Campus XII em Guanambi, pelo apoio institucional fundamental que viabilizou a execução do projeto, especialmente pela concessão da bolsa do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (PROUATI). Essa contribuição financeira e logística permitiu a realização das oficinas, mentorias e produção de materiais, reforçando o compromisso da instituição com a extensão universitária como prática transformadora em benefício da comunidade local. Rendemos também particular gratidão à coordenação da UATI em Guanambi no período de execução do projeto, na pessoa de Luiz Humberto, parceiro incansável de todas as horas. Sua articulação contínua, apoio logístico nos espaços do Campus XII e incentivo permanente à equipe foram essenciais para o sucesso da iniciativa, construindo pontes entre a universidade e os idosos participantes.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. M. de; RABELO, L. N.; PORTO, A. P.; GOMES, E. P.; LIMA, A. L. de. Inclusão digital na terceira idade: uma revisão de literatura / Digital inclusion in third age: a literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3231–3243, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n2-164. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/8891>. Acesso em: 24 dez. 2025.
- BARBOSA, G. A. et al. Principais obstáculos da inclusão digital na terceira idade: uma revisão sistemática. **Anais VI CIEH**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO\\_EV125\\_MD1\\_SA9\\_ID1712\\_27052019125015.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA9_ID1712_27052019125015.pdf) Acesso em 15 jan. 2026
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAVES, A. M. **Relatório do Núcleo de Pesquisa e Extensão 2025**. Guanambi-Ba: Uneb, 2026. 25 p.
- DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v. 29, p. 37–42, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/797VnWgmBHvsnvbJJytzKnP/?format=html&lang=pt> Acesso em: 15 mar. 2023.
- FLAUZINO, K. de L., *et al.* Letramento Digital para Idosos: percepções sobre o ensino-aprendizagem. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/104913>. Acesso em: 23 jan. 2026.
- HAN, B.-C. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- KACHAR, V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 13, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5371>. Acesso em: 24 jan. 2026.
- MORO, G. H. M. **Uma nova interface para a inclusão digital na terceira idade**. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 143–160, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 jan. 2026.